

1 – Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (CAPES/FAPERJ). Atualmente é pós-doutoranda na Universidade de São Paulo (FFCLRP/FAPESP Proc. n.º 2018/1307-2). Pesquisadora membro do grupo de estudos “Discurso e memória: movimentos do sujeito” e do E-L@DIS - sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimentos. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6084-7850> E-mail: lainedaroz@gmail.com

2 - Doutoranda em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Processos Culturais e Subjetivação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP). Mestra em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da FFCLRP (USP). Pesquisadora do Laboratório Discursivo: sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimentos (E-L@DIS/FFCLRP/USP); docente do curso de Pedagogia e com suporte às disciplinas e cursos a distância da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3514-1834> E-mail: bia.prandi@hotmail.com

AMÉLIA, UMA MULHER DE VERDADE?: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DE SENTIDOS SOBRE (E PARA) A MULHER NA ATUALIDADE

DARÓZ, Elaine Pereira¹
PRANDI-GONÇALVES, Maria Beatriz R.²

RESUMO: Sob uma aparente evidência, determinados dizeres historicamente estabilizados são reproduzidos no seio social, possibilitando um imaginário de/para a mulher na atualidade. Ancoradas nos aportes teóricos da Análise do Discurso (Pêcheux), realizamos uma análise dos discursos sobre esta temática, postos em circulação na rede mundial de computadores. Para tanto, debruçamo-nos sobre uma análise dos dizeres de/para o significante Amélia, cantada por Mário Lago, em 1911, bem como discursivizada nos fóruns de discussão disponíveis. Em nosso gesto de interpretação, buscamos uma melhor compreensão do funcionamento desses efeitos de sentidos na regularização de uma memória sobre a mulher em nossos dias, tendo em vista os seus efeitos nas práticas sociais, em especial na posição que a mulher (deve) ocupa(r) na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário; Mulher; Amélia; Análise do Discurso.

ABSTRACT: Under apparent evidence, certain historically stabilized sayings are reproduced in the social environment, enabling an imaginary of / for women today. Anchored in the theoretical contributions of Discourse Analysis (Pêcheux), we conducted an analysis of the discourses on this theme, put into circulation on the world wide web. To this end, we look at an analysis of the words for the signifier Amelia, sung by Mario Lago, in 1911, as well as discursivized in the available discussion forums. In our gesture of interpretation, we seek a better understanding of the functioning of these effects of senses in the regularization of a memory about women today,

considering their effects on social practices, especially in the position that women occupy today.

KEY-WORDS: Imaginary; Woman; Amelia; Speech analysis.

INTRODUÇÃO

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

(SARAMAGO, 1982)

Ao longo da história, o poder da música se marca em diversas esferas da estrutura social. Resultante de uma combinação entre as palavras, a harmonia e o ritmo, a música é uma das mais notórias expressões artísticas, utilizada nas relações sociais seja em festas pagãs, rituais religiosos, ou simplesmente ninar uma criança. Ela tem como um de seus frutos o desencadeamento de efeitos emocionais (ao cantor e ouvinte) em uma pessoa – como tristeza, alegria, nostalgia, raiva –, possuindo, assim, forte apelo à subjetivação e, por isso, sendo considerada uma das artes que mais influenciam, no nível individual e coletivo, os sujeitos na sociedade.

De acordo com Costa (1997), música e sociedade sempre estiveram intimamente conectadas. Partindo da compreensão do poder interpelatório da música, enquanto forma de apropriação cultural – e coletiva, portanto, – nos sujeitos discursivos, debruçamo-nos sobre uma análise discursiva acerca dos dizeres inscritos na música Amélia, de Aaulfo de Andrade e Mario Lago, assim como dos sentidos para Amélia atualizados, ou não, em nossos tempos.

Nesse empreendimento, consideramos que a Análise do Discurso de linha pecheutiana nos fornece maiores subsídios para uma melhor compreensão do lugar da memória na reprodução/naturalização dos sentidos, possibilitando, assim, um imaginário do feminino na atualidade. A partir de uma escuta atenta aos sentidos que se materializam nesses dizeres sobre a mulher, buscamos uma desnaturalização desses sentidos aparentemente

evidentes sobre (e para a) mulher nos dias atuais, contribuindo, pensamos, para novas discussões acerca dessa temática.

REFLEXÕES E(M) ANÁLISES ACERCA DA AMÉLIA: UMA MULHER DE VERDADE?

A música reflete e cria condições sociais, incluindo os fatores que facilitam ou impedem uma mudança social. Seja no rock, no pop, no funk, dentre outros gêneros, a mulher é frequentemente discursivizada em letras de música a partir de um imaginário do feminino. Sob esse imaginário, Mário Lago e Ataulfo Alves, em meados do século XX (1942), discursivizaram as saudades de Amélia, dita a mulher de verdade (fig. 1).

Figura 1 - Vídeo "Ai que saudades da Amélia"



Fonte: YouTube (2012)

Dada a identificação do seu público aos sentidos inerentes à música e, por conseguinte, o seu sucesso, o significante Amélia foi dicionarizado, em 1970, tornando-se um verbete.

No dicionário Informal *online*³, temos para esse significante:

3 - Disponível em:
<https://www.dicionarioinformal.com.br/am%C3%A9lia/>.
 Acesso em: 28 abr. 2019.

Dona de casa.

Mulher que passa o dia inteiro em casa lavando, cozinhando e outras coisas do gênero
Minha esposa é uma amélia.

Observamos que, apesar de ser um nome próprio feminino, no exemplo do dicionário o significante surge em minúscula, como uma ocupação de uma mulher que ocupa a posição de dona de casa.

Localizado na esfera privada da sociedade, o trabalho doméstico é frequentemente relacionado ao cuidado e bem-estar familiar. Lugar este historicamente destinado às mulheres (DELPHY, 1998). Nessa relação de trabalho, o cuidado é, segundo Delphy (1998), concebido como uma mão de obra não qualificada e voluntária, na medida em que as mulheres fazem, supostamente, a escolha de se enlaçarem com os seus cônjuges e com eles ter filhos.

O cuidado de Amélia ao seu companheiro é cantado por Mario e Ataulfo, ressaltando, dentre as qualidades da companheira, a ausência de vaidade. No mesmo dicionário *online*, Informal, a vaidade está relacionada ao “desejo de chamar atenção, de exaltar as próprias qualidades”. Chamar a atenção implica em uma relação direta com o outro, chamar a atenção de alguém para algo, ou de alguém para si. Sendo esse um dos maiores atributos de Amélia, observamos que à dona de casa cabem os afazeres domésticos “naturalmente” destinados à mulher, e os cuidados ao outro, numa posição de submissão ao outro e, ainda, de anulação de si. Percebemos na música uma reprodução de uma prática machista de uma apropriação privada da mulher, reclusa ao ambiente doméstico e, por sua vez, sua anulação no mercado de trabalho.

No entanto, não é apenas de Amélia que nos fala a música, mas de uma outra posição de mulher que nela é discursivizada. Na música, observamos duas posições distintas para a mulher, como vemos na sequência discursiva (SD) a seguir:

SD

Nunca vi fazer tanta exigência
 Nem fazer o que você me faz
 Você não sabe o que é consciência
 Não vê que eu sou um pobre rapaz
 Você só pensa em luxo e riqueza
 Tudo o que você vê, você quer

Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
 Aquilo sim é que era mulher

Às vezes passava fome ao meu lado
 E achava bonito não ter o que comer
 Quando me via contrariado
 Dizia: Meu filho, o que se há de fazer!
 Amélia não tinha a menor vaidade
 Amélia é que era mulher de verdade

Na canção, as posições distintas da (e para a) mulher estão intrinsecamente ligadas ao imaginário de feminino. À mulher que reivindica o que considera seus direitos e que, possivelmente, busca satisfazer os seus desejos, inclusive materiais, cabem determinadas adjetivações que vão ao encontro de uma pessoa supostamente alienada e desprovida de sentimentos puros. Podemos observar esses sentidos a partir da afirmação “não sabe o que é consciência” e “só pensa em luxo e riqueza”. Em seu contraponto está a Amélia, a mulher supostamente ideal, cujos atributos destacam-se: carinhosa, e até maternal, com o seu companheiro – expresso pelo termo “meu filho” – a quem não contraria – materializado em “o que se há de fazer” – e totalmente submissa – como em “passava fome ao meu lado” e “achava bonito não ter o que comer”.

Os dizeres /sentidos, pensados discursivamente, regularizam-se na estrutura social a partir de uma memória do dizer, concebida por Pêcheux ([1983]1999) como um “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...], possibilitando, assim, tanto a retomada dos dizeres/sentidos, quanto a sua atualização”.

Na canção, podemos observar a retomada de determinados sentidos sobre (e para a) mulher, ressaltados não apenas pela sua textualidade, na superficialidade da língua, como também pela sua melodia. Apesar de a letra ser composta por duas estrofes apenas, a segunda parte – a que diz de Amélia – é mais fortemente destacada na música, não apenas em repetição das últimas estrofes, como também na parte introdutória composta por instrumentos musicais, dentre eles, o de sopro, sobrepondo-se sobre os demais e realçando também as últimas estrofes da música.

Na música, ao mesmo tempo em que o homem é socialmente discursivizado como provedor, pautado inclusive na sua força física, reflexo da apropriação cultural coletiva, ele é colocado, contraditoriamente, na condição de receber os cuidados (da mulher), mesmo quando jovens e/ou gozando de plena saúde (pobre rapaz, meu filho).

As relações familiares implicam uma relação de poder e dominação no ambiente privado, intrinsecamente ligado à posição dos sujeitos nessa relação. O matrimônio (no modelo patriarcal) consiste numa das formas da apropriação individual, na qual a mulher é frequentemente excluída do mercado de trabalho ou, quando profissionalizada, cumpre, em geral, dupla jornada, ambiente domiciliar-emprego/trabalho, expondo assim uma relação desigual de trabalho que ainda persiste nos lares modernos.

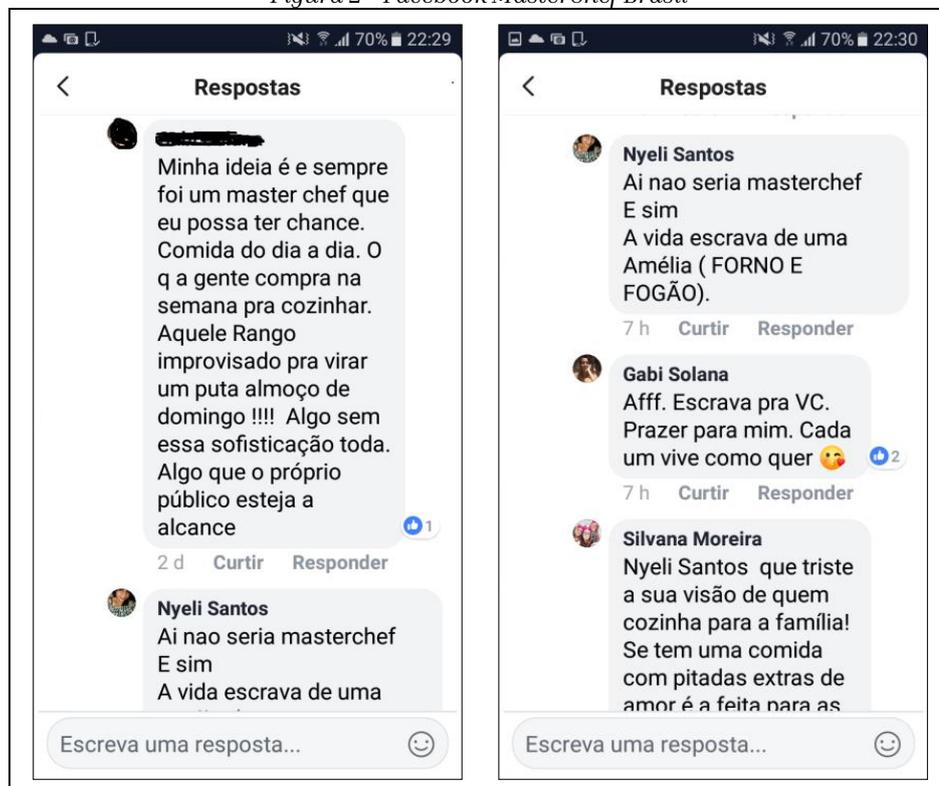
Embalada por uma melodia ritmada, mas ainda assim melódica e compassada, os cantores discursivizam não apenas sobre uma mulher específica, mas um imaginário do feminino pautado em uma padronização de comportamentos ditos femininos e que ressoam ainda nos dias atuais.

Levando em consideração as condições de produção em que a música foi posta em circulação – 1942, momento de efervescência e resistência dos discursos machistas que culminou no movimento feminista de emancipação da mulher –, observamos que, por meio do discurso lúdico, dedicado de um modo geral a momentos de lazer (e prazer), a música regulariza uma memória sobre uma relação hierárquica entre homem, o provedor, e a mulher, a ele submissa, tendo como base um ideal de felicidade e bem-estar, para o qual a posição que a mulher (deve) ocupa(r) no seio social está intimamente ligada a essa idealização.

Considerando, ainda, que a música está disponível na rede mundial de computadores, podendo ser acessada e ouvida por todos quantos desejarem, observamos que a música produz o que Courtine (1981, p. 53) designa de “efeito de memória” sobre o feminino na atualidade. Para o autor, a memória discursiva se produz no

entrecruzamento entre o que já foi dito anteriormente, relativamente estabilizado no seio social – e disponível no nível da constituição do dizer, ou seja, no eixo intradiscursivo –, e a atualidade – lugar no e pelo qual determinados sentidos são atualizados, ou reproduzidos, e se marcam no eixo da formulação do dizer, isto é, no nível intradiscursivo do processo discursivo. Nesse processo, o efeito de memória comparece no fio do discurso como um saber que retorna, sob a ilusão de evidência, numa formulação. É o que podemos ver em redes sociais, como *Facebook*, e nas respostas dos fóruns *online* (Fig. 2, 3 e 4), disponíveis na internet.

Figura 2 - Facebook MasterChef Brasil



Fonte: Facebook (2018)

Em um perfil do *Facebook* do programa *Masterchef* (em 2018), o significante *Amélia* surge em letra maiúscula, em nominalização própria de uma pessoa, uma pessoa discursivizada como escrava, que tem como sua atribuição cozinhar em *FORNO E FOGÃO*, em destaque com letras garrafais.

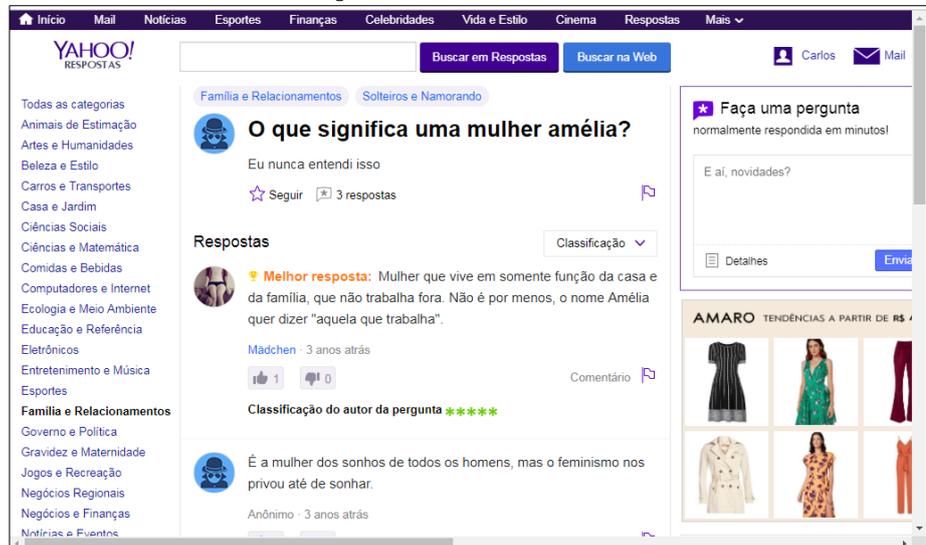
Como podemos observar, os processos históricos não são apagados ao longo dos tempos. Embora muitas vezes haja um esforço ideológico a fazê-lo, a memória, segundo Pêcheux ([1983]1999), ocupa um lugar preponderante na regularização dos sentidos, operando como um elemento estruturador do discurso. Em um país relativamente novo como o Brasil e que traz em sua história a formação de um país formado, inclusive, com o sangue e suor africano, cuja marca se faz presente na pele de cada brasileiro constitutivamente miscigenado, trazer à memória a figura da mulher e escrava, direciona os sentidos ora para um passado, um sofrimento que não queremos mais em nosso país, ora para uma memória do que a enunciadora não quer para si, a depender da posição do sujeito no discurso e das condições de produção nas e pelas quais está envolvido no dizer. A ambiguidade dos sentidos nos diz também do que Pêcheux ([1975]1988) afirma, a opacidade da língua, dada a sua incompletude, que se marca no discurso. Nesses termos, ressoam nessas discursividades os sentidos relativamente estabilizados em nosso país acerca do lugar da mulher na esfera social: o ambiente doméstico para o cuidado e bem-estar da família; dizeres que se marcam, como vimos, na canção de Mario Lago e Ataulfo.

Embora haja um conflito de sentidos em posições distintas dos sujeitos envolvidos em torno de uma memória sobre a culinária e o trabalho doméstico, observamos que se marca nesses dizeres uma relação aparentemente evidente: mulher /casa; mulher /cozinha.

Levando em consideração as condições de produção acerca do programa em questão, cabe-nos destacar que o Masterchef é um programa de entretenimento voltado para a culinária, nas categorias amador e profissional, comandado por chefs de cozinha: um brasileiro, uma argentina e um francês, além da apresentadora brasileira, uma jornalista renomada. Dada a sua audiência, o programa está em sua 6ª versão, e é veiculado pela emissora de TV Bandeirantes, em horário nobre de domingo (na versão de 2019). Ele tem como um dos objetivos reunir a família em torno da mesa, ou do fogão, quer para apreciação/degustação, quer para elaboração da

refeição familiar. Sentidos esses que se materializam, ainda, nos dizeres do fórum do portal Yahoo (Fig. 3), como podemos ver a seguir:

Figura 3 - Fórum Yahoo



Fonte: Yahoo (2016)

Em uma interlocução no fórum, a internauta afirma que Amélia quer dizer “aquela que trabalha”, que “vive somente em função da casa e da família, não trabalha fora”. A nosso pensar, ao significar o termo Amélia posto em relação à “aquela” (mulher, portanto), a internauta reassume, por meio de pré-construídos (já-ditos relativamente estáveis), o lugar da mulher historicamente (ainda) sobredeterminado no seio social, assim como uma posição de cuidado (e resiliência /submissão) a ela historicamente destinado. Posição essa destacada por um interlocutor que lançou a questão no fórum.

Segundo o interlocutor, essa, afinal, é a mulher idealizada por “todos os homens, mas o feminismo nos privou até de sonhar”. Ao utilizar o marcador discursivo, “mas”, o interlocutor traz à superficialidade linguística a relação de forças constitutiva das relações sociais, e que se marca na língua, e no discurso, portanto. Relação de forças que expõe, inclusive, uma hierarquização entre homem e mulher, intrinsecamente ligada ao imaginário do feminino, produzindo, assim, os seus efeitos nas práticas sociais, mais especificamente a posição que o homem (e a mulher) pode (e

deve) ocupar na esfera social, assim como na música “Ai que saudades da Amélia”.

Embates históricos foram travados, no início do século XX, por mulheres que lutavam pelos seus direitos à cidadania, aos seus filhos, à sua própria existência. Na atualidade, embora esses direitos lhes (nos) sejam garantidos por leis, observa-se que a desigualdade de acesso e permanência no mercado de trabalho, geralmente a favor do homem, compromete a renda familiar de trabalhadoras e, por conseguinte, sua qualidade de vida e autonomia no seio familiar e sua autoestima. Seus trabalhos externos, historicamente concebidos como complemento familiar, são muitas vezes parte de uma jornada dupla de uma relação aparentemente evidente entre mulher-trabalho-casa-cuidado. Por outro lado, as que ficam em casa e cuidam da família, do marido, dos filhos, têm, ainda, o seu trabalho árduo desmerecido, tido historicamente como não qualificado.

Na relação de forças inerente à regularização dos sentidos sobre (e para) a mulher em nossa sociedade, o feminismo é muitas vezes concebido como empecilho à paz e felicidade familiar, como ainda afirma o interlocutor. Relações de forças essas que se marcam na língua e se materializam nas práticas sociais, e denunciam uma disputa política intrinsecamente ligada à posição que a mulher pode (e deve) ocupar no seio social, como vemos a seguir (Fig. 4):

Figura 4 - Fórum Yahoo



Fonte: Yahoo (2016)

Como podemos observar, no dizer da internauta Amélia é significada como coitada, aquela que, ainda que destinada aos cuidados da família e restrita ao ambiente doméstico, é submissa ao seu marido, para o qual realiza os trabalhos dos afazeres domésticos, incluindo-se a eles a satisfação sexual exclusiva do homem. A suposta evidência desses sentidos para a mulher dita dona do lar, que se materializa no significante Amélia e se faz presente, ainda, na pergunta “Compreende?”, denuncia uma prática de abusos, físicos e simbólicos, pelos quais muitas mulheres ainda são acometidas na atualidade, sendo essa prática uma das consequências de uma ideologia machista ainda vigente em nosso país, herança de uma organização política patriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das lutas travadas para o reconhecimento da mulher enquanto ser inteligível e capaz de exercer as atividades até então ditas masculinas, observamos, pelas análises apresentadas, que ainda se faz presente em nosso meio uma relação de antagonismo entre homem e mulher, que se funda em um discurso hegemônico machista, no qual a mulher é destinada ao ambiente doméstico, sendo este um espaço que a controla e a priva de direitos e de desejos. Nesse contexto, a mulher que usufrui de algumas das conquistas historicamente adquiridas, em especial pela ascensão ao mercado de trabalho, é sobressaltada por uma divisão de trabalho desigual na qual ela geralmente cumpre uma jornada dupla, dividindo-se entre trabalho-casa.

Nas análises aqui apresentadas, observamos que os discursos sobre a mulher na atualidade ainda direcionam para a abnegação, e até mesmo a de-subjetivação da mulher, tendo como sua base de sustentação um direcionamento do lugar que a mulher deve ocupar na estrutura social. Sentidos esses que, pensamos, são produzidos a partir de efeitos de memória acerca de uma idealização do feminino,

reiterando assim uma cultura de subserviência da mulher em relação ao homem. Considerando o poder de interpelação, e encantamento, que a música exerce nos sujeitos femininos, aliado à ampla circulação desses sentidos sobre a mulher na mídia online, compreendemos que tais sentidos são atualizados, resultando, em certa medida, em processos de identificação dos sujeitos contemporâneos a esses sentidos que ressoam, aparentemente evidentes na atualidade.

Em nosso trabalho de investigação, buscamos uma melhor compreensão do lugar da memória na regularização do imaginário sobre o feminino que se marca nos dizeres cotidianos, buscando uma desnaturalização desses sentidos em face a um repensar dessa relação hierarquização/submissão da mulher que nos assola dia a dia. Distante de uma verdade absoluta, nossas análises e reflexão constituem um gesto de interpretação acerca desses dizeres/sentidos, abrindo caminhos para leituras outras possíveis.

REFERÊNCIAS:

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

COSTA, A. F. Políticas culturais: conceitos e perspectivas. **Observatório das Atividades Culturais**, n. 2, p. 10-14, out. 1997.

COURTINE, J. J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. **Langages: Analyse du discours politique**, 15 année, n. 62, p. 9-128, 1981.

DELPHY, C. **L'Ennemi principal**. Paris: Syllepse, 1998.

DICIONÁRIO INFORMAL. Amélia. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/am%C3%A9lia/>. Acesso em: 28 abr. 2019.

FACEBOOK. MasterChef Brasil. 2018.

JUTEAU, D.; LAURIN, N. L'évolution des formes d'appropriation des femmes: des religieuses aux "mere porteuses". **Revue Canadienne de Sociologie et D'Anthropologie**, v. 25, n. 2, p. 183-207, 1988.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. (Org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999 [1983].

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988 [1975].

SARAMAGO, J. **Memorial do Convento**. [s./l.]: Caminho, 1982.

YAHOO. Fórum. 2016.

YOUTUBE. Ai que saudades da Amélia. 2012. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=gHezuiMAvM&t=4s>. Acesso em: 28 abr 2019.